

Fiesp acha que pacote explora

30 NOV 1985

JORNAL DE BRASÍLIA

Porto Alegre — O presidente da Federação das Indústrias de São Paulo (Fiesp), Luís Eulálio Bueno Vidigal, alertou ontem que com as medidas deste último pacote econômico, o governo atingiu o limite máximo de tributação tanto sobre a empresa como a pessoa física. Segundo Vidigal, qualquer outra elevação adotada daqui para a frente não será mais tributação e sim confisco, pois não haverá mais o que arrecadar.

O empresário disse esperar que esse pacote econômico do atual governo seja o primeiro e o último a ser editado. Ele entende que agora o governo deve estender essa tributação a setores privilegiados como o Poder Jurídico, o Congresso e a Agricultura. Vidigal acha que não podem existir privilégios.

Recuperação

O pacote de medidas econômico-financeiras anunciado pelo presidente José Sarney, na última quinta-feira, "é importante porque define a orientação governamental não só aos empresários como também aos trabalhadores", segundo comentário feito pelo vice-presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Roberto Della Manna. Para ele, "o pacote representa um passo em benefício de um todo, ou seja, para a recuperação da economia", admitindo no entanto que "os efeitos e os resultados destas medidas só o tempo dirá".

Excelente

Os reflexos do conjunto de medidas foram considerados "excelentes" pelo presidente da Comissão Nacional de Bolsas de Valores e presidente da Bolsa de Valores do Extremo Sul, Antônio Dellapieve, ao afirmar que, "em dois dias de pregão, foram recuperados todos os prejuízos dos últimos 20 dias". No Rio Grande do Sul, o movimento da bolsa acompanhou a oscilação do centro do país, atingindo nos últimos dois dias o mesmo índice de recuperação registrado pelo sistema nacional de bolsas — em torno de 15 por cento.

Robin Hood

O programa de mudanças anunciado anteontem pelo presidente José Sarney, segundo o governador João Alves Filho, de Sergipe, "tem muito do estilo Robin Hood", pois, de forma análoga, retira um pouco do muito que os ricos têm para melhorar o pouco que os pobres têm de mais".

Para o governador pernambuco, "as medidas do recente pacote econômico irão estimular uma maior canalização de recursos financeiros para o setor produtivo. Reativando empresas, criando mais empregos e, finalmente, promovendo uma melhor e mais justa distribuição de renda".

Ele considerou ainda que as medidas têm por objetivo principal favorecer a classe mais baixa da população, num processo justo de aumentar impostos para os mais privilegiados e transferi-los, através de um conjunto de ações sociais, para os mais necessitados. Nesse sentido, destacou o programa de alimentação para as crianças, que, segundo disse, "evitará o surgimento de uma sub-raça resultante da fome que assola milhares de lares em todo o Brasil".

Confiança

O governador Jair Soares, do Rio Grande do Sul, afirmou que confia nas medidas tomadas pelo governo federal na área econômica. Destacou que é de muita validade o apoio a alguns setores, especialmente o social, e o fato de determinadas áreas saírem da recessão e acabar com o arrocho salarial.

Considerando que "isto é muito bom para o desenvolvimento", o governador Jair Soares diz que "algumas medidas são corajosas". E muitas foram tomadas no sentido de não atingir o trabalhador. Neste caso, cita o aumento da incidência sobre o imposto de renda, protegendo o que ganha menos. Sobre este aspecto, o governador diz que na sua opinião, "o imposto de renda sobre o assalariado não deveria existir", pois considera como uma penalidade o desconto na fonte, já que salário não é renda.

Social

Ao comentar, ontem, em Belo Horizonte, o programa de mudanças na economia, anunciado anteontem, o presidente da Assembleia Legislativa, deputado Dalton Canabrava, destacou a opção pelo social, claramente exposta nas diretrizes anunciadas, afirmando que o presidente José Sarney resgatou mais uma das promessas de Tancredo Neves.

Ele ressaltou que a mudança para o social, em primeiro lugar, é o cumprimento da programação de vinte e um anos do PMDB "para o homem, não como retórica, mas com recursos, tirando de quem pode para dar a quem não pode".